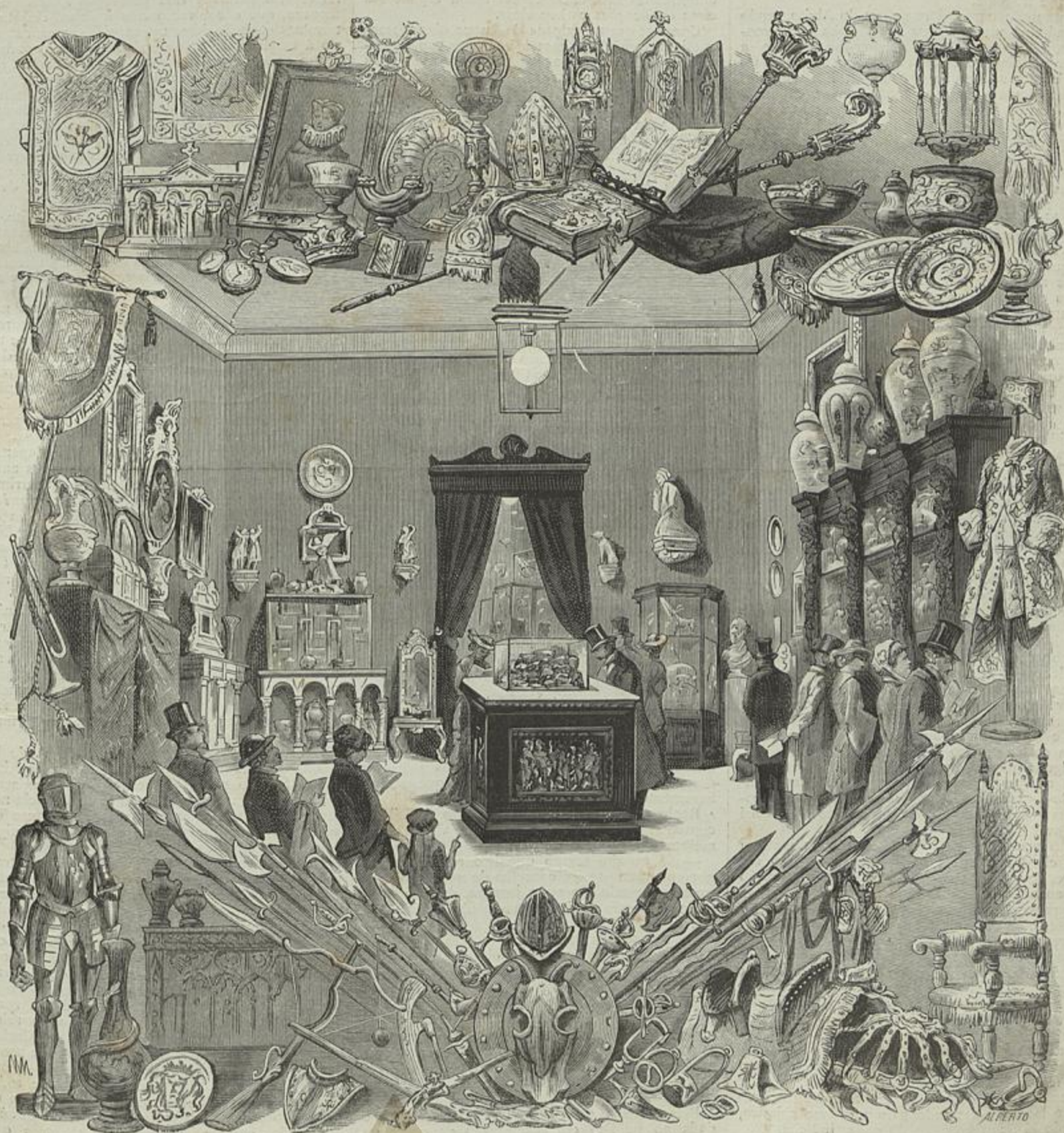


OCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semestre 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega	5.º ANNO — VOLUME V — N.º 116	REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO LISBOA — 43, RUA DO LORETO, 43 — LISBOA
Portugal (franco de porte, moeda forte)	36800	18900	6950	6120		
Possesões ultramarinas, (idem).....	46000	23000	-5-	-6-		
Estrangeiro (união geral dos correios).	56000	28500	-5-	-6-		
Brazil (moeda fraca).....	156000	78500	-5-	-6-		

EXPOSIÇÃO RETROSPECTIVA DE ARTE ORNAMENTAL, EM LISBOA



A EXPOSIÇÃO ILLUMINADA A LUZ ELECTRICA — SALA DE D. FERNANDO (Desenho de Manuel de Macedo)

SUMMARIO

TEXTO — Chronica Occidental, GERVASIO LOBATO — Exposição Retrospectiva de Arte Ornamental, em Lisboa, R. — Palacio do Governo em Goa, TRIXEIRA DE ARAÚJO — Uma vista de Moçambique, AUGUSTO DE CARILHO — As nossas gravuras — A morte do poeta brasileiro, A. Gonçalves Dias, J. R. DE OLIVEIRA SANTOS — Sapatos de Defuncto, LEITE BASTOS — Publicações:

GRAVURAS — Exposição Retrospectiva de Arte Ornamental, em Lisboa: A exposição illuminada a luz electrica, sala de D. Fernando — João Ricardo Cordeiro — India Portuguesa: Residencia do governo em Goa — Salão de quadros: Lavadeiras na Romelra — Africa Portuguesa: Uma vista de Moçambique — Marinha de guerra portugueza: Vapor «Julio de Vilhena» — Machina do sommar de Mezier — Enigma.

CHRONICA OCCIDENTAL

Na occasião em que escreviamos a nossa ultima chronica, passava-se em Alcantara, uma enorme tragedia.

Uma mulher moradora na rua do Alvito, tendo deixado na vespera uma sua vizinha incommodada, foi de manhã cedo bater-lhe á porta, a saber noticias. Ninguem respondeu. Abriu o fecho e entrou. Recuou apavorada. Em uma das camas estavam duas creanças mortas, em posições extravagantes de quem se estorcera n'uma terrivel e longa agonia. Sobre outro leito a mãe d'essas creanças, sem dar accordo de si, com os olhos revirados em ancias medonhas tinha já na garganta esse som metallico, persistente, aspero, a que chamam o estertor, em cima d'uma cadeira mais caído do que deitado um homem, o pae, hirto, livido, como morto!

O que queria dizer aquillo?

A mulher sabia um pouco o que aquillo era, porque ella propria tinha começado a sentir umas ancias exquisitas, umas agonias, vomitos, dôres de cabeça, suores, uns symptomas d'envenenamento.

Correu a chamar um medico, o medico veio, reconheceu que as creanças estavam mortas, mas o pae e a mãe tinham ainda vida, prestou-lhes os primeiros socorros e depois enviou-os para o Hospital de S. José

A noticia do extranho caso correu rapidamente toda a cidade, os jornaes contaram-n'o desinvolvidamente, e nós não vimos agora aqui repetir essa narrativa com mais ou menos colorido tragico.

Registamos apenas o facto, porque foi um acontecimento saliente da vida de Lisboa, e vamos fazer-lhes uns pequenos e rapidos commentarios e umas simples perguntas que andam de certo formuladas no espirito de toda a gente: — O que fez a policia? O que fez a justiça?

Uma familia pae, mãe, dois filhos, e uma vizinha, apparece uma manhã envenenada; as duas creanças succumbem sem tratamento aos effeitos d'esse veneno: o pae e a mãe, levados agonisantes para o hospital, — tanto que a mãe ao chegar ali foi logo unvida — escapam, e restabelecem-se rapidamente, a vizinha que bebera apenas uma gotta de caldo, tem os symptomas d'envenenamento, mas esses symptomas cedem de prompto á applicação d'um vomitorio.

É evidente, é palpavel, que se está em frente d'um caso extranho e grave.

Alguns jornaes, referindo o facto, levantam uma accusação terrivel contra a mãe, apresentando-a — decerto baseando-se em versões colhidas — como auctora do crime, apontando até o movel do crime: — o ciúme.

É o que fez a policia? O que fez a justiça? É claro que crime ou desastre, o facto era grave, importante e reclamava toda a attenção das auctoridades competentes.

A primeira coisa a indagar, logo, immediatamente, com a maxima urgencia era a qualidade do veneno.

Que veneno era?

Até ha poucos dias nada se sabia oficialmente a esse respeito. Fez-se a autopsia aos cadaveres das creanças, e reconheceu-se o que no fim de contas já se sabia: — que houvera envenenamento.

Mas que veneno fôra?

Para se saber isso guardaram-se as visceras em uns frascos; os vomitos do homem e da mulher envenenados guardaram-se tambem n'outros frascos e lacraram-se; tudo para a analyse chimica, e tudo lá ficou á espera do poder judicial.

Fez-se já alguma cousa? Descobriu-se que

veneno era? Não sabemos, mas se se descobriu já isso, ficou sendo segredo da justiça, e era necessario que o não fosse, era urgentissimo que se tranquilisasse a opinião publica seriamente e justamente sobresaltada com essa extranha catastrophe.

Houve crime? O publico nada sabe a esse respeito: uns jornaes dizem-lhe terminantemente que sim, outros jornaes indo á procura de informações ao local do acontecimento vem de lá quasi convencidos, pelas narrativas dos visinhos e pelas proprias declarações dos dois envenenados, que não houve tal crime, ou pelo menos se o houve, não fôra a mãe das creanças a auctora, mas sim victima d'elle.

E n'este caso quem seria o criminoso? Ninguem responde a isto, e cremos que a opinião publica tinha direito a ser illucidada claramente sobre estes pontos para ella da mais alta importancia.

Se effectivamente houve crime, é necessario que se descubra o criminoso, e que se dê plena satisfação á sociedade; se não houve crime, se o envenenamento foi casual, é urgente que se saiba como isso foi, para que todos se precave-nham.

Demais a mais, um facto acontecido n'estes ultimos dias vem accrescentar ainda urgencia a estas explicações catheticas.

Conta-se que na calçada do Duque, oito pessoas que jantavam d'uma casa de hospedes experimentaram todos symptomas mais ou menos violentos d'envenenamento, que se attribue a um vinho falsificado que n'esse dia todos elles beberam e que segundo se diz era preparado com vitriolo.

Por toda a parte começam a nascer serias e justificadas apprehensões á cerca dos viveres e dos productos que se vendem ahi, francamente, por Lisboa.

Estes dois factos prender-se-hão por ventura um com o outro?

Seria uma falsificação d'esta ordem o Shakspeare da tragedia da rua do Alvito? Não se sabe, e era bom, era necessario que se soubesse.

O que se sabe, o que infelizmente cada dia se vae sabendo mais, é que é um perigo comprar qualquer genero em Lisboa.

Quando ha cerca de dois annos começámos a escrever estas chronicas, n'uma das primeiras, lembra-nos perfeitamente, consagramos uns periodos ao desleixo perigoso com que se deixava em Lisboa fazer todas as falsificações em generos de primeira necessidade, como se fechára os olhos a que os padeiros amassem os pães com agua de poços, a que almocreves se serviam nos seus barris de vinho de torneiras cheias d'azebres, a que na praça se vendia animaes mortos de doença, como se introduziu nos nossos habitos caseiros o uso de embrulhar carne, pão manteiga, assucar, café, e todos os generos, mesmo os mais delicados, em folhas de jornaes mal impressos, e largando por toda a parte a tinta da impressão, etc., etc.

Pois este desleixo tem crescido consideravelmente com o tempo, e hoje começam a apparecer por todos os lados os seus effeitos gravissimos.

E entretanto a policia o que faz?

A resposta dão-n'a os jornaes diarios, os proprios jornaes do governo; a policia está occupada em não deixar parar tres pessoas a conversar no Chiado!

E ao passo que defronte da casa Havaneza passeiam magotes de policia, a navalha por um lado, o vinho falsificado por outro, vae-se encarregando de dar cabo do resto da população que resiste ás febres do Aterro, aos miasmas doentios da cidade, e a tuberculose, que passava livremente pelas ruas da capital.

Realmente é necessario ser muito difficil de contentar para não reconhecer que vivemos na melhor das capitales do mundo.

— Ao mesmo tempo que isto assim anda, o governo reune-se em conselho de ministros, para tractar, segundo dizem os jornaes, da importantissima questão... da opera *d'obliga* em S. Carlos.

Ao menos é tudo logico.

A questão resolveu-se finalmente, e o programma que serviu de base para o concurso a adjudicação do teatro de S. Carlos, foi alterado em proveito da actual empresa.

Nós folgamos muito com isso, porque vamos ter occasião d'ouvir a opera do sr. Guimarães, mas não somos tão egoistas que não lamentemos profundamente a difficil situação em que a resolução do governo veio collocar o novel e talentoso maestro.

Pela decisão do governo a opera *Beatriz* é dada ao publico em substituição da opera de *grande repertorio* e de *auctor de fama europeá*

que a empresa era obrigada a dar-lhe, em substituição ou *Lohengrin*, primeiramente annuciado, ou á *Estrella do Norte*, ou á *Joconda*, as operas em que depois se tem fallado para opera *d'obliga*; o sr. Guimarães, é apresentado aos espectadores de S. Carlos, como substituindo Wagner, ou Meyerbeer, ou Ponchielli, uma substituição que obriga a muito, e portanto em vez de auxiliar a arte nacional, o governo só auxiliou a empresa de S. Carlos, collocando o artista nacional nas piores circumstancias em que uma *debutante* se pode apresentar a um publico, isto é substituindo-se aos mestres consagrados.

Nós repetimos, o que ha dias dissemos: temos pelo talento do sr. Guimarães a mais profunda sympathia, desejavamos sinceramente, por elle e pelo paiz, que a sua opera tivesse um *successo* brilhantissimo, e é por isto mesmo, que não desejavamos vê-la subir á scena nas circumstancias difficeis e perigosas em que a empresa a collocou. Se o governo queria proteger a Arte nacional, e n'isso não fazia mais do que o seu dever, tinha um meio simples: era obrigar, como dissemos, a empresa de S. Carlos a acolher as operas originaes, como obriga o teatro de D. Maria a receber as peças portuguezas, e se não queria esperar para dar essa protecção á arte portugueza, que o contracto com a actual empresa terminasse, então dêsse um subsidio extraordinario á empresa de S. Carlos para pôr em scena, n'esta epoca ainda, a opera do sr. Guimarães, ou a do sr. Augusto Machado, ou a do sr. Miguel Angelo, ou a do sr. Antonio Duarte, ou outra qualquer, que algum dos poucos compositores portuguezes tenha porventura na sua pasta, e não obrigasse essa opera a subir á scena nas piores condições, substituindo-se a uma opera consagrada já pelos applausos da Europa. Isto é que nos afigura ser a maneira efficaz de proteger e desenvolver a Arte musical portugueza.

Mas, em suma, o que está feito, está feito, e nós folgamos immenso com este atropellamento das condições do contracto e das leis do bom senso, visto ser este o unico modo de podermos ouvir em breve a opera do sr. Guimarães, e se a empresa o collocou n'uma posição difficil, sem se importar inteiramente nada com a Arte nacional, o publico que se importe, e que torne essa situação difficil, n'uma recepção brilhante ao compositor portuguez, dando-lhe o melhor dos incitamentos, fazendo-lhe da noite da sua estreia uma noite de festa, porque o novel maestro não tem culpa alguma de que a empresa de S. Carlos, para apresentar ao publico a sua primeira opera, o prive de ouvir a *Lohengrin* ou a *Joconda*.

É liquidada esta questão, duas palavras apenas a um dos nossos mais intimos e queridos amigos, de cujo brilhantissimo talento e uberrimo espirito somos um dos mais fanaticos admiradores ao notabilissimo, escriptor que firma com as iniciaes V. de D. os artigos da *Musica em Lisboa* no *Jornal da Noite*, artigos que tem uma altissima reputação no nosso pequeno mundo litterario, e que em toda a parte do mundo serão uns artigos de primeira ordem.

O OCCIDENTE pela sua indole especialissima não é nem pôde ser um jornal de discussão; entretanto, a consideração enorme que temos pelo excepcional talento de V. de D. far-nos-ia abrir na nossa chronica uma unica excepção, se não fosse completamente inutil e perdida toda a discussão a esse respeito, hoje que a questão está resolvida, muito bem, segundo V. de D., muito mal, segundo a nossa humilde opinião.

Apesar do extraordinario talento de V. de D. e das qualidades excepcionaes do seu espirito, é tão forte o poder da verdade, que nos seria facil, o que em qualquer outra circumstancia nos seria impossivel, attenta a pujança gigante do espirito do nosso adversario e excellento amigo, sair triumphante da luta.

Poupamo-nos ao trabalho de o demonstrar, notando-lhe a differença enorme que ha entre um contracto qualquer particular, e um contracto feito, não por um ministro, mas pelo estado, mediante licitação feita sobre um programma, que em vista d'isso não pôde ser alterado em favor d'um dos licitantes, sem prejuizo dos outros, notando-lhe que a intervenção do governo nas questões levantadas entre a empresa de S. Carlos e os seus assignantes, não é um facto especial que prove que o ministerio do reino tem que reconhecer os assignantes de S. Carlos, mas simplesmente um facto commum que prova que ha uma especie de tribunal especial — a inspecção geral dos theatros — que resolve todas as questões havidas não só entre a empresa de S. Carlos e os seus assignantes, mas as questões levantadas entre as empresas de theatros, e o publico, e os artistas, e os auctores, inspecção

que hoje está a cargo do governador civil; notando-lhe que a theoria do patriotismo na arte nos levaria logicamente amanhã a exigir da empresa de S. Carlos que em vez de escripturar a sr.^a Borghi-Mamo escripturasse a sr.^a Esther de Carvalho pela mesma razão que exige hoje que nos dê uma opera do sr. Guimarães em vez de uma opera de Wagner ou de Meyerber, e n'este paralelo nada ha de offensivo para os artistas e compositores portuguezes, porque de certo elles reconhecem a distancia que os separa dos grandes artistas e compositores estrangeiros, distancia que pôde muito bem vir da enorme differença do meio artistico em que vivem, poupamo-nos ao trabalho de lhe notar tudo isto, repetimos, porque os poderes publicos encarregaram-se de demonstrar evidentemente que V. de D. não tinha razão, collocando-se do seu lado.

— Não saíremos de S. Carlos sem registrar de passagem mais um *fiasco* para a enorme lista da actual epoca lyrica, o *fiasco* da *Norma*, que se cantou na noite de oito do corrente, pela primeira, e cremos que, decerto, pela ultima vez n'esta epoca.

— No momento de fecharmos a nossa chronica chega-nos de Paris uma noticia desagradavel; a noticia de que está ali doente o nosso excellente amigo e collega, o illustre escriptor Guilherme d'Azevedo, a quem o OCCIDENTE deve as suas mais brilhantes e notaveis chronicas.

Sentimos profundamente esta noticia, e fazemos votos pelo prompto restabelecimento de Guilherme d'Azevedo, confiando em que o seu proximo regresso a Lisboa, contribuirá largamente para que esse restabelecimento seja rapido e completo.

Gervasio Lobato.

EXPOSIÇÃO RETROSPECTIVA

DE

ARTE ORNAMENTAL

EM LISBOA

VIII

Agora que já conhecemos o edificio da exposição, que já sabemos o trabalho que houve para a organisar, o nome d'aquelles que mais esforços envidaram para se levar a cabo este grande certamen da arte, vamos fazer uma visita rapida áquellas salas.

É noite. A lua espalha os seus raios de prata sobre as ruas e praças da cidade. A superficie, ligeiramente enrugada do nosso formoso Tejo, reflecte o pallido semblante da rainha da noite. Cruzam-se os trens pelas ruas da baixa, vão-se extinguindo pouco a pouco as luzes que esclarecem as *montras* das diversas lojas. Passa um americano, entramos e em quinze minutos paramos á porta do palacio, ultima construcção do grande ministro de D. José.

As harmonias de uma banda regimental enchem o largo espaço do vestibulo, espalham-se pela larga escadaria, e vão perder-se como um ecco longinquo pelos arabescos dos pannos de Arraz, ou no seio dos vasos sagrados que adornam as salas.

Uma luz pallida, fria derrama os seus raios phantasticos por sobre aquelles centenaes de objectos, labor, engenho e esmero de mais de mil annos. Não é sol, não é luar, é um mixto d'essas duas luzes, que assemelha a casa a um palacio encantador, por onde se movem varias fadas que seriam bastantes para renovar a fabula de Amor e Psyche.

IX

Antes de subirmos a escada, encontramos á direita e á esquerda duas salas. Ali podemos ver uma liteira doirada, com paineis pintados, no gosto dos coches da casa real, que todos conhecemos.

Varios baixos relevos, extrahidos não sabemos de que templos, algumas figuras em tamanho natural, candieiros, lampadas, um relicario, estantes de cor; um modelo da capella de S. João Baptista, urnas, cofres, pannos de Arraz e outros objectos.

Uma das paredes está forrada pelo grande qua-

dro de Othelo e Desdemona do pintor Muñoz Degrain, pertença hoje da Academia de Bellas Artes e que este periodico offereceu como brinde aos seus assignantes com o n.º 107 do seu IV volume.

Sempre nas reduções perdem alguma coisa estes grandes trabalhos, e por isso quem o viu em gravura e o deseje ver em original, pode agora ali admirar essa bella obra d'arte, que não é isenta de defeitos, mas que os resgata amplamente pelas suas grandes qualidades de composição, rigor de traços e poder de colorido.

X

Subamos agora a escada. Eis-nos na sala A e ficamos logo deslumbrados.

Dois amplos armarios envidraçados foram as grandes paredes da casa, e duas outras vidraças (*vitrines*) adornam o centro. Ao fundo levantam-se varios manequins aos quaes revestem alguns trajes de damas e cavalheiros dos seculos XVII e XVIII.

Por detraz d'elles ostenta-se um famoso panno de parede bordado em relevo, trabalho magnifico e que, quando as côres estivessem em toda a sua viveza, devia ser de um effeito surpreendente.

Dentro das vidraças pendem de alto a baixo varios paramentos do culto; frontaes, casulas, capas, etc. A variedade dos desenhos, das côres, dos bordados, davam margem para uma larga descripção.

Nas vidraças do meio ainda ha mais objectos relativos aos paramentos entre os quaes é muito notavel uma mitra de uma igreja de Castro Daire.

Por entre esses objectos extremam-se varios livros, uns cujas capas são riquissimas, outros cujas illuminuras conservam o brilho e frescura da hora em que foram executadas. Entre elles mencionaremos apenas *As antiguidades dos judeus*, grande in-folio, ricamente illuminado, traducção do bem conhecido livro de Josefo, *O lapidario* de Affonso X de Castella e outros.

Vêdes ahi varios pendões, taes como o de S. Francisco. Mas ali do outro lado deparaes com outros ou bandeiras mais pequenas com a cruz e varios emblemas, tendo por divisa *Misericordia e Justiça*. Oh! não, por piedade, desvie os olhos! Ao pé d'aquelles funebres padrões foram queimados *Antonio Leitão Homem o preceptor infelix*, M. Fernandes Villa Real, o leal e intelligente servidor da restauração de Portugal, o folgasão Antonio José, cujas comedias, talvez no mesmo dia da sua morte, arrancassem gargalhadas de regosijo a algum dos seus julgadores, e tantos outros, e quem sabe quantos de vossos ascendentes não tremeram deante d'aquellas bandeiras. Vêde-as só, lembrae-vos que são da Inquisição¹ e desvie os olhos. Piedade e misericordia para quem ideou semelhante tribunal!

XI

A um canto de uma d'essas vidraças está um panno, ao parecer insignificante, e que, talvez por isso estará como que escondido e retirado dos seus brilhantes companheiros. Lamentamos a lembrança de quem o refugou para o canto de uma vidraça. Felizmente o organisador da sala collocou-o de modo que deixa bem patente o seu assumpto, mas a maior parte da gente não repara n'elle.

Esse panno é uma simples colcha côr de creme, todo bordado a pesponto de duas côres, se nos não enganamos, representando e commemorando uma das paginas mais brilhantes da nossa historia e que mais alto ressoou desde o Ganges ao Tamisa, pelos meados do seculo XVI. Fallamos do cerco de Diu. Não sabemos agora se se refere ao primeiro se ao segundo cerco. Como todos sabem houve dois, ambos grandes, ambos sublimes, ambos heroicos, e se o segundo, defendido por D. João Mascarenhas, ficou mais impresso na nossa imaginação, graças ao estylo fulgurante de Jacintho Freire, o primeiro mereceu ao seu heroico defensor Antonio da Silveira, cuja energia se pôde bem conhecer nas paginas despreziosas de Gaspar Corrêa, mereceu áquelle capitão a distincção de Francisco I de França ter mandado collocar o seu retrato, no lugar de honra entre o dos grandes capitães.

Está passada a epoca das conquistas, bem sabemos, mas é bom retemperar na recordação do que fomos, a nossa alma para aquillo que podemos ser, e para que não esqueçamos os

nossos grandes homens, embora tenhamos hoje outro viver, outras idéas.

Nós teriamos dado o lugar de honra áquella simples colcha.

(Continua.)

R.

PALACIO DO GOVERNO EM GOA

A residencia dos vice-reis e dos governadores da India portugueza foi até 1510 em Cochim; depois da conquista de Goa passou para o palacio do Sabaio n'esta cidade, e ahi se conservou até 1554, em que D. Pedro de Mascarenhas fez a mudança para a casa denominada da Fortaleza, que havia sido domicilio dos capitães das naus.

O conde de Villa Verde, em fins do seculo XVII, mudou-se para o palacio de S. Pedro em Panellim, mas as recepções solemnes continuaram a fazer-se no da Fortaleza até 1812, em que ficou de todo abandonado. Depois de extincta a inquisição o Marquez de Pombal ordenou a D. José Pedro da Camara que fixasse alli a residencia dos governadores e capitães generaes da India, o que se não cumpriu pelo muito dinheiro que seria preciso despender para transformar os carceres em habitação apropriada e decente, e por essa occasião foi proposto, como melhor e mais economico, o restaurar-se o palacio da Fortaleza junto ao arco dos vice-reis, o que tambem se não effectuou. Tanto de um como de outro palacio apenas existem montes de ruinas.

O vice-rei Caetano de Mello e Castro, para satisfazer ás ordens da côrte, morou alguns mezes na projectada cidade de Mormugão, e o conde da Ega, Manuel de Saldanha da Gama, transferiu no primeiro de dezembro de 1750 a sua residencia para o actual palacio dos governadores geraes em Pangim, que vae representado na nossa estampa, e que fôra antigamente fortaleza Idal-Kan.

Por cima da porta principal tem a seguinte inscripção:

DOM JOSÉ PRIMEIRO

REINANDO

O CONDE DA EGA

VICE-REINANDO

O SENADO

REEDIFICOU E AVGMENTOU ESTE PALACIO

1760.

E sobre a porta que deita para o rio Mandovy está outra pedra tendo escripto:

REGE FIDELISSIMO IOSEPHO PRIMO

PRO REGE COMITE AB EGA

SENATUS EX INFORMI FORMAVIT 1760.

O edificio é vasto, sem primor architectonico, possui grandes salas em cujas paredes estão collocados, com certa ordem chronologica, os retratos de quasi todos os vice-reis e governadores geraes da India portugueza. A pintura dos primeiros quinze foi dirigida pelo historiador Gaspar Correia, que tinha o *entendimento de debuxar*, e são identicos aos que acompanham as suas *Lendas*. O tempo não respeitou as venerandas effigies d'esses grandes homens e o restauro que depois lhe fizeram ainda mais os prejudicou. O borrador nivelou com o pincel o merito artistico dos diversos quadros e as feições e trajes dos personagens, circumstancia que se observa até os fins do seculo XVII e que nos faz suppôr ser n'essa epoca que se praticou tal vandalismo¹.

A. C. Teixeira de Aragão.

¹ Extractado do 3.º tomo da *Descripção geral e historica das moedas cunhadas em nome dos reis, regentes e governadores de Portugal, que tratam da India, onde se descreve com mais desenvolvimento esse assumpto* (pag. 35, 75 e 316).

UMA VISTA DE MOÇAMBIQUE

A gravura que hoje apresentamos aos nossos leitores, é uma copia que o distincto artista e nosso amigo Isaias Newton fez de uma photographia de H. Kish, tirada da ponte-caes da alfandega, e representa a parte sul da cidade, capital dos nossos dominios na costa oriental da Africa

A meio do quadro avulta, entre os outros edificios, o da Sé Matriz, dedicado a Nossa Senhora da Purificação, com o titulo do Livramento. Diz o bispo de S. Thomé e prelado de Moçambique D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, em um manuscrito datado de 1822 e publicado pelo fallecido José Vicente da Gama no seu instructivo e interessante *Almanach civil, ecclesiastico, historico e administrativo da Provincia de Moçambique, de 1859*, que «era a Sé um templo grande, maggestoso, bem construido, de uma só nave, muito forte e seguro, coberto de terraço; mas a capella mór, que por fóra mostra figura oval bem elegante, é toda fechada de abobada de pedra e da mesma fôrma terraçada. Tem tres altares além de uma capella funda do Santissimo Sacramento. Tem uma pequena e pouco decente sacristia, muito pobre tanto no material, quanto no fimal. Tem os vasos sufficientes para o serviço do culto divino, apesar de alguns roubos que lhe teem feito; mas as vestimentas, tanto pontificaes, como sacerdotaes, estão tão usadas, que uma parte d'ellas já não é decente, e algumas foram já condemnadas ao fogo, e substituidas por outras de



JOÃO RICARDO CORDEIRO — Fallecido em 12 de Fevereiro de 1882

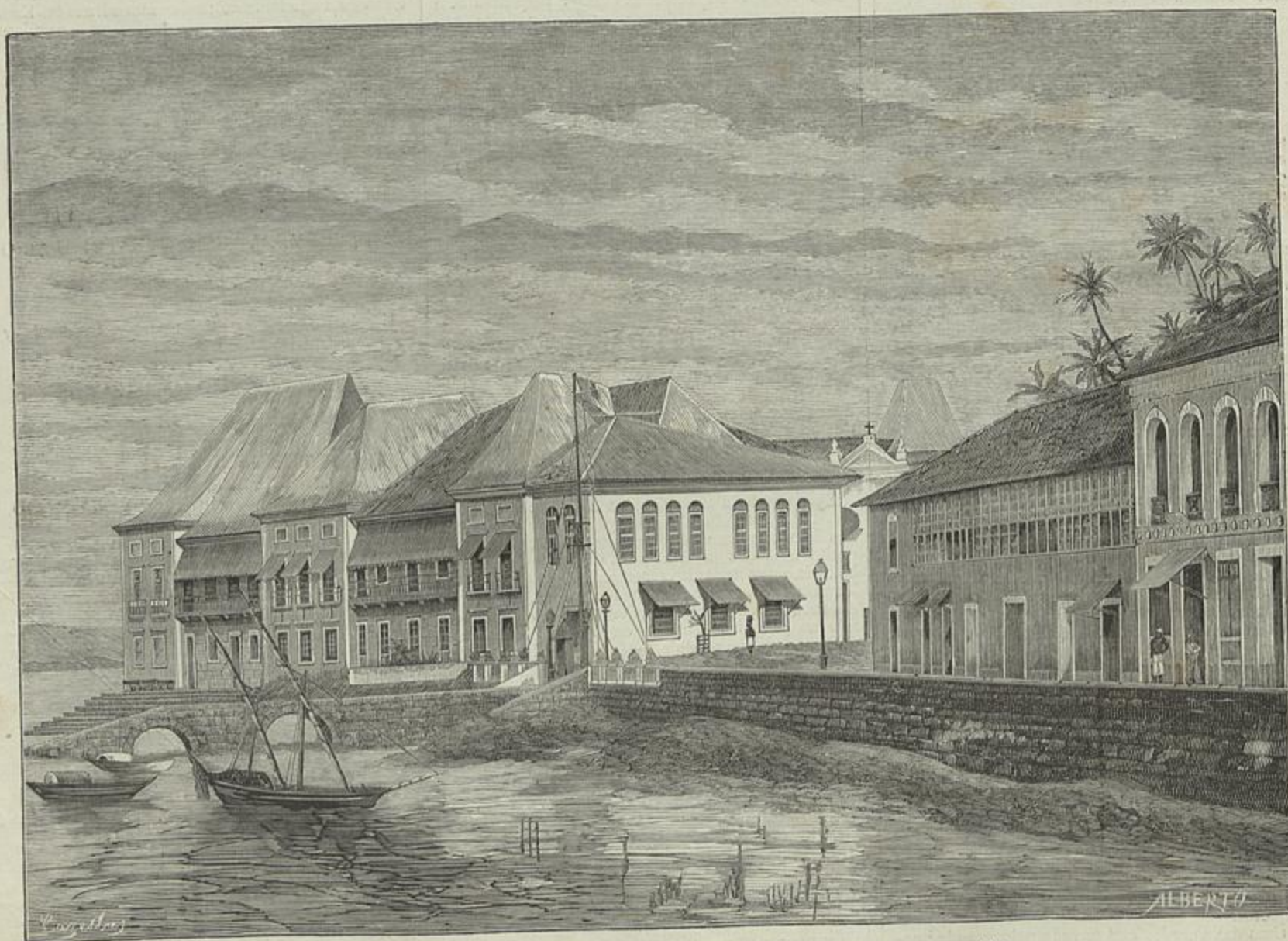
(Segundo uma photographia de J. A. Corrêa de Barros)

damasco, que sua magestade foi servido mandar dar para este fim. Tem esta freguezia, que é unica de toda a cidade (menos da Fortaleza de S. Sebastião), um prior, que é o mesmo prelado, e um cura coadjutor, cada um com duzentos cruzados fracos pagos pela Fazenda real; mas só o cura cobra esta pequena congrua, porque o prelado tem a sua propria separada. A sua fabrica, muito pobre, não tem outra renda mais que a dos signaes pelos defunctos, e uma pequena parte nas sepulturas, e por isso anda sempre empenhada.

Accrescenta o auctor do *Almanach* que a egreja da Sé se achava em 1859 em um estado pouco decente. O edificio demandava já então promptos reparos, e os paramentos e outras alfaias reforma geral.

A egreja da Sé está hoje pouco menos que em ruinas. Profanada já ha muitos annos, e sem a cobertura do corpo do edificio que abateu ou foi apeiada para não desabar, está actualmente aquelle bello templo servindo de deposito de cal e outros materiaes das obras publicas. A direcção que n'aquella repartição esteve desde 1877 a 1880, e que deixou na provincia um brilhante vestigio da sua passagem, fez o projecto e orçamento para a restauração da Sé Matriz de Moçambique; mas como essa obra demandasse uma somma de dinheiro relativamente avultada, nunca foi levada a effeito, apesar de auctorizada pelo conselho technico e pelo sr. governador geral em uma portaria publicada no *Boletim official*.

Hoje serve provisoriamente de Sé Matriz, e alli se celebram os Te-



INDIA PORTUGUEZA — RESIDENCIA DO GOVERNO EM GOA (Segundo uma photographia)

SALÃO DE QUADROS



LAVADEIRAS NA ROMEIRA, ALFEITE — Quadro de Ramalho Junior, comprado pelo sr. Pereira da Costa (Desenho do mesmo auctor)

Deums officiaes e outras solemnidades, a igreja da Santa Casa da Misericórdia, da invocação de Nossa Senhora da Visitação.

Voltemos porém á nossa gravura. Para o sul da Sé, isto é, para a direita da estampa, vêem-se os edificios do arsenal da marinha, as casas apaçadas que servem de feitoria ás firmas Régis Ainé & C.^a e Augustin Fabre & Fils, de Marse-

lha, com os seus mirantes e paus de bandeira, o vasto edificio que serviu de repartição da Junta de Fazenda e que hoje é a Escola de artes e officios, fundada pelo intelligente governador geral o sr. conselheiro Francisco Maria da Cunha, e varias outras residencias de particulares. Á esquerda da estampa, ou ao norte da Sé, vêem-se algumas casas de habitação de banianes e ba-

thiás, e a praia comprehendida entre a Sé e a ponte.

É a esta parte da praia da ilha de Moçambique que aportam diariamente muitas das lanchas que andam encarreiradas do Mussuril e Cabaceira, e que todos os dias trazem do continente os abastecimentos de viveres de toda a especie, e muitos pretos que veem mercadejar. É tam-

AFRICA PORTUGUEZA



UMA VISTA DE MOÇAMBIQUE (Segundo uma photographia)

bem n'esta parte da praia, e na do celeiro ao sul do mercado do peixe, que se fazem as reparações ás embarcações que d'ellas careçam e que para esse fim ali encaham.

A nossa estampa representa alguns dos grandes pangaos que navegam dos portos da Índia para Moçambique e que são encahados n'aquella praia desde janeiro até maio, que é o intervalo entre a chegada da Índia com a monção do norte, e partida para lá com a do sul. Enquanto estão na praia usam os tripulantes dos pangaos revestir o fundo com um inducto de cal com azeite a que se chama *galla-galla*, e que além de preservar as madeiras da acção da agua e dos vermes, torna mais suave o attricto da embarcação quando em movimento, e augmenta-lhe consequentemente a velocidade.

Os pangaos da Índia são umas embarcações características, e em que a architectura naval não tem feito muitos progressos nos ultimos tresentos annos. A sua popa alta e com tombadilho, e o seu grande tozamento, dão-lhes uma apparencia elegante; e as riquissimas obras de talha dos seus enfeitados paineis cheios de janellas e adornados de alforjes, fazem lembrar os antigos galeões portuguezes. As proas dos pangaos são afiladas e esguias permitindo-lhes adquirir, quando favorecidos pelas condições de mar e vento, andamentos verdadeiramente prodigiosos. O pangaio tem um unico mastro com uma enorme vella bastarda de algodão entrançado; e ás vezes um mastrosinho menor á ré com uma vella semelhante e mais pequena. A grande inclinação do mastro sobre a proa, faz com que estas embarcações virem de bordo sem que o panno fique encostado ao mastro, pois que se passa a vella toda por entr'avante d'este, cambando-se a escota de bordo para bordo.

É tempo porém de terminarmos estas divagações ácerca dos diversos assumptos da nossa estampa, completando-as com alguns traços geraes. A apparencia geral da cidade vista do porto é feia e tristonha. As casas todas terraçadas, e denegridas pela acção das chuvas, teem um aspecto desolado como que de predios incendiados, e a pouca arborisação da ilha, com excepção do Campo de S. Gabriel ao norte e da parte que fica além do novo hospital ao sul, dão-lhe uma feição pronunciada de aridez, que realçam ainda os deslumbramentos scintillantes de um sol de fogo.

Augusto de Castilho.

AS NOSSAS GRAVURAS

JOÃO RICARDO CORDEIRO

N'uma das nossas ultimas chronicas esboçámos, a largos traços, o perfil sympathico d'esse illustre homem de letras, tão notavel pela elevação do seu espirito, como pela modestia do seu talento, que se chamou na vida João Ricardo Cordeiro, e que deixou o seu nome vinculado a al-

SAPATOS DE DEFUNCTO

(Continuado do n.º 115)

Passaram em seguida a revolver tudo, as commodas, os bahu's, as caixas, a secretária em que estavam os papeis. Só escapou a mesa da cabeceira. Ninguém se lembrou de metter ali o nariz.

O conego ia assumindo pouco a pouco uma attitude imponente e triumphante.

De quando em quando, olhava despresadamente para o marceiro, e dizia lá com os seus botões:

«Espera que vaes ver uma fôna.»

Então o regedor declarou:

Meus senhores, testamento não se encontra.

Houve em seguida uma pausa solemne, depois da qual o conego deu dois passos para a frente, e tirou da algibeira um papel lacrado que entregou á auctoridade parochial.

Antes de dar aquelles dois passos, sua reverendissima quizera calculadamente poupar-se ao desgosto de encontrar um successor á herança de D. Monica.

Passaram ao quarto aonde estava o corpo, e ahí em presença das testemunhas, quebrou o regedor os sellos que encerravam o testamento, servindo-se para cortar os fios de torçal, d'uma

gumas das paginas mais brilhantes do theatro portuguez do nosso tempo.

Hoje, acompanhando o seu retrato, o OCCIDENTE vae traçar rapidamente, como a estreiteza do espaço lhe permite, umas simples notas biographicas, obtidas a custo d'entre os mais intimos amigos de Ricardo Cordeiro, porque a modestia d'elle, furtava cuidadosamente, mesmo áquelles com quem mais vivia, a historia dos seus triumphos, a resenha das distincções com que o seu talento e as suas notaveis aptidões eram tratadas.

E para exemplo um facto curioso:

Ricardo Cordeiro fôra em tempo condecorado pela rainha da Noruega com a ordem de Santo Olavo, em recompensa d'um brilhante relatório, dando aos ministros d'Italia e da Noruega umas informações que lhe tinham sido sollicitadas sobre a organização da beneficencia publica; pois ninguém, nem a sua familia, nem os seus mais intimos amigos sabiam d'essa distincção, que lhe fôra feita pela rainha viuva da Noruega, e só o souberam, quando por sua morte se encontrou, entre os seus papeis, a nomeação de cavalleiro da ordem de Santo Olavo.

João Ricardo Cordeiro nasceu na freguezia da Encarnação de Lisboa, em 5 de março de 1836. Foram seus paes, João Ricardo Cordeiro e D. Maria Margarida Balate Cordeiro, já fallecidos.

Frequentou a escola polytechnica e fez o curso do estado maior com tanta distincção, que foi logo nomeado para ir a Paris estudar pontes e calçadas.

Por esse tempo, porém, morreu-lhe prematuramente a sua unica irmã; e esta morte, cujo profundo desgosto o acompanhou toda a sua vida, e juntamente a terrivel e prolongada enfermidade de sua boa mãe — a loucura, — impressionaram-o tanto, que desistiu de partir a fazer esses estudos.

Pelo mesmo doloroso motivo, teve que exonerar-se do cargo de secretario geral do governo civil de Villa Real, para que foi nomeado em 13 de novembro de 1862. De novembro de 1861 a janeiro d'este anno, exerceu Ricardo Cordeiro o cargo de professor no real collegio militar, mas teve que o abandonar tambem, porque repetidas hemoptyses o impossibilitaram da regencia regular da sua cadeira.

Em 1863 foi nomeado secretario do conselho de beneficencia, e ahí escreveu valiosos relatorios e interessantes consultas, entre ellas a que se refere á extincção das rodas e á sua substituição pelos hospícios, que é realmente um trabalho notabilissimo.

E d'elle o relatório da commissão encarregada de estudar este assumpto e mereceu honrosa menção no relatório do ministro do reino Martens Ferrão, que precede o decreto de 21 de novembro de 1867.

O relatório que apresentou da syndicancia que fez á Casa Pia de Évora é tambem trabalho de grande valia e que demonstra brilhantemente as suas grandes qualidades de funcionario illustrado, prudente e de grande tino administrativo.

Quando se extinguiu o logar de secretario do conselho de beneficencia, Ricardo Cordeiro foi nomeado segundo official do ministerio do reino, e em 1877, depois de um brilhante concurso, foi

thesourinha que lhe apresentou a mulher do merceiro.

Aberto o publico instrumento, sua senhoria saecudiu-o para traz das costas, dando-lhe ao depois tres piparotes para separar da tinta a areia que se collara á escripta.

Feito isto, começou a leitura, um pouco soletrada e interrompida de pausas e ch-hitações que não abonavam muito os conhecimentos da auctoridade em palleographia, e lêr por cima.

Junto ao regedor estava o sr. Antonio Dou-rado allumiando com uma das vellas da banqueta; mais affastado e prestando toda a attenção, mostrava-se o conego; na frente de sua reverendissima, estava a mulher do merceiro com todos os seus cinco sentidos, amolando o caso, e ao lado d'ella o escriptivo do regedor e uma outra testemunha, que se não sabia ao certo quem era: supponhamos o cabo chefe.

A defunta estendida sobre a cama, occupava a presidencia em toda a magestade solemne e sombria da morte.

Tinham-lhe puxado o lençol para a cara, de sorte que mal se lhe conheciam os contornos do corpo, sobresaindo apenas a saliencia dos pés levantados e hirtos.

Uma das mãos do cadaver caia abandonada para fóra do leito, e tinha numerosas man-

promovido a primeiro official, logar em que prestou grandes serviços, sendo sempre um funcionario notavel pelo seu zelo pelo trabalho e pelas altissimas aptidões da sua privilegiada intelligencia, devendo-se-lhe, entre outros trabalhos importantes, o projecto de organização de beneficencia, cuja redacção lhe foi confiada pelo sr. Luciano de Castro no seu ultimo ministerio.

Em 12 de setembro de 1877, quando a nomeação de primeiro official lhe garantia vida independente, casou com a ex.^{ma} sr.^a D. Maria Rosa Cró Paganini, irmã do fallecido escriptor Rodrigo Paganini, e a quem Ricardo Cordeiro fazia a côrte havia muitos annos, e que lhe foi esposa carinhosa e disvellada, e inexcidível enfermeira: a sua felicidade em vida, a sua felicidade na hora terrivel da agonia!

Ricardo Cordeiro escreveu em varios jornaes, principalmente no *Futuro*, em cuja redacção teve parte importantissima. No *Diario de Noticias* escreveu, em agosto e setembro de 1866, interessantes folhetins intitulados *Os serões da Fabrica*, collaborou mais na *Chronica dos Theatros*, *Boudoir*, *Gazeta do Povo*, *Illustração Luso-Brazileira*, e em muitos mais jornaes, que não é facil descortinar, porque muitos dos artigos não eram assignados, e nos seus papeis não tinha a menor nota a esse respeito.

A modestia de Ricardo Cordeiro era tão extraordinaria que, sabendo que o seu intimo amigo, o sr. conselheiro Couto Monteiro, tencionava ha tempo propol-o para socio da Academia Real das Sciencias, instou tanto com elle, tanto, que alcançou que elle desistisse d'essa proposta, que ia levar á Academia um homem por todos os titulos digno de lá es'ar.

Apesar dos seus variados e importantes trabalhos de jornalista, a feição predominante do seu talento era a litteratura dramatica, e o theatro portuguez deve-lhe algumas das suas melhores peças.

O primeiro trabalho original de Ricardo Cordeiro para o theatro foi a comedia drama em 4 actos *Fernando*, representada pela primeira vez no theatro de D. Maria em 6 de janeiro de 1857.

Em seguida escreveu:

O arrependimento salva, drama em 1 acto, representado em D. Maria em novembro de 1858.

Amor e Arte, drama em 3 actos representado em D. Maria em 1860.

A sociedade elegante, comedia em 3 actos representada em D. Maria em 1862, e premiada no concurso dramatico.

Um cura d'almas, drama em 3 actos representado em D. Maria na noite de 4 de janeiro de 1866, em beneficio de Manuella Rey, a ultima peça que a grande e chorada actriz representou, e de que o theatro Baquet do Porto fez reprise em 12 de dezembro de 1870.

Entre o jantar e o baile, comedia n'um acto representada nos theatros de D. Maria e Trindade.

A familia, drama em 5 actos representado em D. Maria, em 6 de março de 1869 em beneficio da eminente actriz Delphina.

Os *Paraisos conjugaes*, a sua ultima peça, comedia em dois actos, representada ha tres ou

chas roxeadas que o escriptivo notou dizendo que eram signaes de putrefacção.

No quarto respirava-se um ar pestifero, viciado pelos miasmas da morte.

Tinham queimado olecrim em toda a casa, o que tornava mais intolavel o ambiente, mais pesada a atmosphera.

As portas meio cerradas, mal deixavam penetrar as claridades saudaveis da manhã.

Bastava que alguma frouxa restea de sol entrasse pelas janellas n'essa occasião e a phisionomia dos circumstantes se transformaria logo, tomando umas formas quasi phantasticas, como se fossem illuminadas por fogos de bengala.

A cara do conego, passava a ser por exemplo um tomate maduro. As de mais caras seriam por igual de um grotesco delicioso.

Se o acto fosse para graças: Phebo chegava ali muito a proposito.

Mas não: o caso era serio, e o sol de envergonhado nem se atreveu a sair das brumas que envolviam os espaços no seu fresco manto de gaze.

Fez bem.

Para patifes de tal quilate não se crearam as formosas claridades cideaes, nem se fez a luz.

Estes casos é melhor deixal-os ás escuras. Pela leitura do testamento, uma pura for-

quatro annos no theatro de D. Marià, na noite do beneficio da actriz Anna Pereira, uma deliciosa comedia que obteve o premio que então a empresa dava, por condição do seu contracto com o governo, a melhor peça original representada durante a epoca. Todas estas peças, á excepção dos *Paraiços conjugaes*, estão impressas.

Alem d'estes originaes numerosos e de grande valia litteraria, notaveis sobre tudo pela correcção e primor da linguagem, Ricardo Cordeiro, fez traducções brilhantissimas como a do *Elogio Mutuo* (a *Camaraderie* de Scribe) *Marion Delorme*, traducção em prosa do original em verso de Victor Hugo, *O capricho*, (de Musset) a *Redempção* (de Feuillet), a *Beatriz* (de Legouvé), *Uma dupla licção*, *Rosa Miguel*, uma das ultimas peças representadas pela actriz Emilia das Neves, e extrahiu das *Scenes et proverbes* de Feuillet uma comedia, *A chave d'ouro*.

Entre os papeis do illustre e chorado escriptor encontraram-se o 1.º acto d'um drama original, em que trabalhava, alguns romances incompletos, e o projecto da organisação de beneficencia publica em Portugal.

Ha dois annos a sua doença — lesão cerebrospinal — aggravou-se e depois d'um padecimento horroroso, succumbiu em 12 de fevereiro passado, a uma congestão cerebral, não tendo ainda completado quarenta e seis annos d'idade.

Foi um caracter honradissimo e um talento notavel: e a sua morte foi uma perda para a litteratura dramatica de Portugal, para a sua familia que o adorava, e para seus amigos, numerosissimos, que o estremeçiam.

Paz á sua honrada e querida memoria!

Gervasio Lobato.

LAVADEIRAS NA ROMEIRA

Quadro de Ramalho Junior

Vea-se o artigo Salão de Quadros publicado em o n.º antecedente.

VAPOR JULIO DE VILHENA

Este transporte, destinado á estação civilisadora no Zaire, foi construido em Inglaterra de baixo da direcção do sr. Mackrow.

Tem as seguintes dimensões: de comprimento entre perpendiculares 28^m,80 de bocca 4,88; pontal da parte de cima da quilha á parte superior dos vaus 2^m,67; altura total do navio 3^m,36; immersão parallela á quilha 1^m,83; altura da obra morta acima da fluctuação a meio do navio 1^m,53.

É provido de um par de machinas de systema combinado de alta e baixa pressão, com duas caldeiras, serviço das fornalhas a meio do navio, e tem dois helices.

Arma em hiate; tem uma camara á ré para commandante e um official; porão para mantimentos e agua por entre avante da machina, e avante do porão alojamento para os machinistas. Por entre avante d'esse está o alojamento da

malidade dispensavel para que se soubesse o seu conteúdo, todos ficaram scientes de que o conego Salgado ficava sendo o herdeiro de D. Monica.

Eram favas contadas.

O escrivão lavrou o termo de abertura, e as testemunhas assignaram.

Entretanto o conego Salgado sem que lhe encomendassem o sermão recitava o elogio da finada, e abeirando-se do leito em que jazia o seu carnal involucro punha-lhe o rosto a descoberto, e contemplava com enamorado internecimento, aquellas faces sem expressão de vida, e as saliencias osseas que se destacavam em todas as suas particularidades anatomicas atravez da pelle rugosa.

Estás no ceu! santa da minha alma, que nunca por ti veio o mal ao mundo; estás no ceu D. Monica sentada á mão direita de Deus Padre e melhor do que nós, porque estás gozando da bemaventurança eterna.

Estas palavras tocantes, cheias de mystica unctione de um ministro do altar, fizeram peso na pessoa do senhor regedor, que posto cultivasse a oratoria bombastica dos comicios, não desprezava os bocadinhos d'ouro da sagrada oratoria dos theologos.

De boca aberta elle seguia todos os movimentos de sua reverendissima, como se a palavra do conego o houvesse magnetisado.

guarnição e tem os paioes e arrecadações necessarias.

O andamento medio do navio é de dez milhas por hora em boas condições.

O vapor será provido de uma metralhadora. Segundo as experiencias feitas e a opinião do respectivo conselho de trabalhos do arsenal da marinha parece que o vapor *Vilhena* é um bom barco, forte e bem construido e dotado de todas as condições necessarias para satisfazer ao fim para que é destinado.

E aqui agradecemos aos dignos empregados da segunda repartição d'aquelle arsenal o favor de nos haverem fornecido todos estes esclarecimentos com a maior delicadeza e promptidão.

SOMMADOR MECHANICO DE MESNIER

O sommador Mesnier é uma machina simples e portatil, já hoje em uso em varios estabelecimentos, com o mais proficuo resultado.

Consta este instrumento de uma placa de metal com seis divisões circulares, em volta das quaes estão dispostos os nove algarismos, conforme se vê em a gravura.

Em cada uma das seis divisões ha uma abertura rectangular, que vae indicada com o signal de zero, e é n'estas aberturas que apparecem os numeros sommados, o que se obtem, applicando-se a chave que a gravura mostra, aos orificios correspondentes aos algarismos que compõe os numeros que se querem sommar, fazendo girar o disco até á abertura mencionada.

Sendo as divisões seis, facilmente se comprehende que a primeira é destinada ás unidades simples, a segunda ás dezenas, a terceira ás centenas e assim successivamente até á centena de milhar.

A pratica tem mostrado as vantagens d'este pequeno instrumento, pela rapidez com que realisa as sommas, e nós felicitamos o snr Mesnier pelo seu invento, e ainda mais pelos resultados praticos d'elle, pois que dentro do nosso meio não basta o ter a fortuna de inventar senão a de vêr qualquer invento nacional vulgarisar-se.

Á MORTE DO POETA BRASILEIRO

A. GONÇALVES DIAS

Já sentindo da morte os passos lentos,
Quiz dar á patria os ultimos momentos,
O seu ultimo adeus;
Mas embalde partira, embalde espera
Alcançar seu intento! A morte fera
Colhe-o longe dos seus!

A nova, pois, que d'esta desventura
Correra anticipada e prematura,
Foi como que um presagio
Da intransigente lei do seu destino:
Após um anno o vate peregrino
Morria em um naufragio!

Antonio Dourado e a mulher, coxixavam a um canto da casa, gesticulando muito e traduzindo pelo jogo physionomico, uma grande satisfação mal reprimida.

De quando em quando, olhavam para a mesa da cabeceira, com olhos cubiçosos ridentes de uma luz infernal.

Que pitada elles ali guardavam para o padre! — Canta minha sereia de cara rapada, canta que logo bebes, e hade ser do fino.

— Olé se hade!

E ambos, marido e mulher não tiravam os olhos da mesa da cabeceira.

Que demonio de encanto aquelle!
N'isto saíram todos do quarto, mesmo porque havia necessidade de refrescar os pulmões, de respirar mais livre.

O conego antecedeu-os muito lesto para dar ordem á Joanna que trouxesse uma bandeja com licor e bolos.

A pobre da mulher estava mesmo uma cascata. Os olhos pareciam dois repuxos. Estavam inchados e vermelhos de tanto chorar.

O conego, quando ella appareceu com a bandeja quiz consolal-a, e disse-lhe:

— Lá tem o seu legadosinho!

E pondo as mãos n'uma attitudo seraphica, accrescentou:

— Nada esqueceu áquella boa alma: oremos.

Do seu bello paiz entre os palmares,
Fronroso santuario dos cantares
Das aves multicolors,
Bem quizera o poeta solitario
Cs espinhos depôr do seu calvario...
Talvez dos seus amores!

Mas não quiz o destino caprichoso,
Que o cantor das palmeiras mavioso
Dormisse á sombra d'ellas!
Repousa em mais extensa sepultura,
Onde em vez dos idyllios da espessura,
Reina a voz das procellas!

Melhor foi! que não deve o fragil barro,
Que em si contém um genio tão bisarro,
Ser dos vermes roído!
Envólucro de espirito divino,
Só lhe deve alternar da gloria o hymno
Oceanico gemido!

Envólucro d'uma alma grande e nobre,
Alguns palmos de terra era mui pobre
Jazigo a genio tal!
Do Atlantico a vasta sepultura
É mais propria, de certo, e mais n'altura
Do cantor immortal!

Dorme, pois, do Brasil cantor mui terno,
Entre as vagas azues, que o somno eterno
Peturbar-te não vou!
Quiz um hymno elevar-te bem sentido,
Mas só pude soltar este gemido,
Com que a lyra estalou!

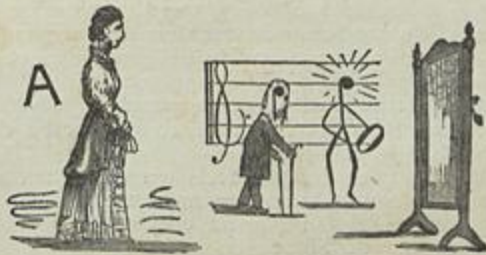
J. R. d'Oliveira Santos.

PUBLICAÇÕES

BIBLIOTHECA DO POVO E DAS ESCOLAS, 2.º anno, quarta serie — Lisboa, David Corazzi, editor — *Empreza Horas Romanticas*, premiada com a medalha de ouro na Exposição do Rio de Janeiro — 46, rua da Atalaya, 52 — 1882.

Publicaram-se os n.ºs 24 e 25 d'esta utilissima publicação — *Gymnastica e as colonias portugue-*

ENIGMA



Explicação do enigma do numero antecedente:

Nem tudo o que luz é ouro.

A este tempo o escrivão do regedor com a boca cheia e empunhando o côpo, dizia bizarramente dirigindo-se a elle:

— Lá vae á sua.

O reverendo respondeu serio e imperturbavel.

— Amen.

Antonio Dourado e a mulher, soltaram uma risadinha, mais fina que o bico de um alfinete.

Todos comiam e bebiam, só elles, Antonio e esposa não tomavam nada.

Baixinho dizia o merceeiro: deitando ao padre olhares de porco montez.

— Tu pagas a patente meu papa ostias de má morte?! Ora deixa estar que tambem has de pagar o patau.

Entretanto o conego, começava a condoer-se d'elle e a pezar-lhe na consciencia aquelle calote dos oitocentos mil reis, que o merceeiro emprestara a D. Monica.

Deveria pagal-os?

A coisa era dura, e custava-lhe a rocl-a apesar de ter bom dente.

Sempre eram oitocentos mil réis.

É verdade que elle, herdava só em inscrições viote e cinco vezes essa quantia, mas emfim isto de dar, doe.

(Continúa)

LEITE BASTOS.

zas. Este ultimo vem preencher uma lacuna importante que havia na nossa instrucção popular, fazendo conhecer de todos a importancia, posição e recursos dos vastos territorios que ainda possuímos na Africa, Asia e Oceania. Em breves paginas, e em poucas palavras, o nosso povo póde ler o que só com difficuldade e percorrendo muitos volumes poderia encontrar.

Agora pode ficar conhecendo as riquezas dos nossos vastos territorios, e se a esse conhecimento se juntarem emprehndimentos particulares ousados, poderá ser que a corrente da emigração se dirija para o que é nosso e está perto, de preferencia ao estranho que está longe.

HOMENS E LETRAS, Galeria de Poetas Contemporaneos por Candido de Figueiredo. 8.º de 408 paginas e um indice, typographia Universal, Lisboa. Este livro escripto durante o periodo de uma terrivel doença de olhos que por muitos mezes affligio o seu auctor, prova exuberantemente o espirito activo do sr. Candido de Figueiredo, que não lhe soffreu o animo a ociosidade em que o collocava a cegueira, que durante alguns mezes, lhe não permittia trabalhar. Independente de secretario, o sr. Candido de Figueiredo, munido de uma regua quadrada, que successivamente mudava sobre uma folha de papel, ia por ella traçando as linhas do seu livro que acaba de ver a luz da publicidade.

As condições desagradaveis em que o auctor produziu este trabalho, em nada transparecem na elegante prosa com que o sr. Candido de Figueiredo desenha os perfiz dos personagens que compoem a sua galeria, e são: Alberto Pimentel, Anthero do Quental, Antonio de Serpa, Bulhão Pato, Camillo Castello Branco, Candido de Figueiredo, Christovam Aires, Eduardo Vidal, Fernando Caldeira, Fernando Leal, Francisco Palha, Gomes de Amorim, Gomes Leal, Gonçalves Crespo, Guerra Junqueiro, Guilherme d'Azevedo, Guimarães Fonseca, Jayme de Seguiet, Jayme Victor, João de Deus, João de Lemos, João Penha, Joaquim de Araujo, Luiz de Campos, Luiz Palmeirim, Macedo Papança, Mendes Leal, Narciso de Lacerda, Pereira da Cunha, Pinheiro Chagas, Santos Valente, Simões Dias, Sousa Viterbo, Theophilo Braga, Thomaz Ribeiro, Visconde de Castilho (Julio) e Xavier Cordeiro.

Sem ser um livro de critica, o sr. Candido de Figueiredo, faz simplesmente a apresentação de todas estas personalidades conhecidas do publico,

e põem o leitor em contacto com estes espiritos que hoje vivem em o nosso mundo litterario.

O *Occidente* já teve a distincção de dar aos seus leitores uma amostra d'este livro em n.º 98 do iv vol. a respeito de Guilherme d'Azevedo.

O livro insere, ainda, poesias de quasi todos

MAPPA GERAL DOS PORTES DAS CORRESPONDENCIAS, publicado pelo sr. Ernesto Augusto Soares Ribeiro de Menezes, approved pela Direcção Geral dos Correios, etc.

É um trabalho que muito aproveita ao commercio, e que o seu auctor soube fazer com bastante clareza, para illucidar sobre toda a especie de portes que as correspondencias tem a pagar para o reino e estrangeiro.

OS INIMIGOS DO SR. LUBIN, romance da collecção Lubin & C.ª — traducção de Cunha e Sá. Empresa Horas Romanticas, Lisboa. — Estão concluidos os 1.º e 2.º volumes d'este romance, ultimo da collecção Lubin & C.ª, que a empresa Horas Romanticas tem publicado aos fasciculos. O romance é firmado pelo nome de Constant Guérout e dos de mais interesse que esta empresa tem publicado.

KALENDARIO CIGARROS DANERO. — É uma elegante chromo-lithographia com que o sr. José Cardoso brinda os consumidores do seu estabelecimento.

A MODA ILLUSTRADA, David Corazzi, editor, Lisboa.

— O n.º 77 que recebemos pertence ao iv anno d'este periodico, que tem sido publicado com a mais escrupulosa regularidade e inteiro cumprimento do seu programma.

ALMANACH DA TYPOGRAPHIA CASTRO IRMÃO para 1882. É um livrinho microscopico de 48 paginas que são um verdadeiro primor typographico. O sr. Castro Irmão faz todos os annos este almanach que offerece aos numerosos freguezes do seu acreditado estabelecimento.

DICCIONARIO UNIVERSAL PORTUGUEZ — Livraria Zeferino editor, Lisboa — Fasciculos 29 e 30 de 48 pag. cada um. Alcançam até á palavra *Aspar*.

O **INSTITUTO Revista Scientifica e Litteraria**, vol. xxix, janeiro de 1882, Coimbra. Publica entre outros artigos litterarios um *Estudo Ethico-Juridico sobre a Criminalidade*, por João Bernardo Heitor de Athayde e o necrologio de Miguel Baptista da Silva, um bello talento que a morte arrebatou aos 25 annos.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

1882, LALLEMANT FRÈRES, Typ. LISBOA
6, Rua do Thesouro Velho, 6

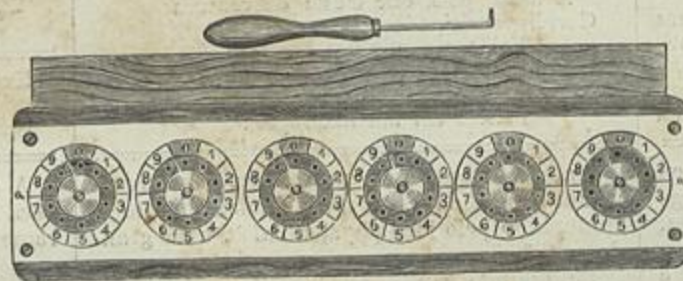


MARINHA DE GUERRA PORTUGUEZA — VAPOR «JULIO DE VILHENA», MANDADO CONSTRUIR PELO GOVERNO PARA AS ESTAÇÕES CIVILISADORAS DE AFRICA (Desenho do natural por J. Danias)

os auctores que ficam mencionados, e notas biographicas de todos elles.

Felicitamos o sr. Candido de Figueiredo pela publicação de um livro de que ha muito se sentia a necessidade, e que deverá ser acolhido pelo publico com o maior interesse.

JORNAL DE HORTICULTURA PRATICA. Proprieta-



MACHINA DE SOMMAR DE MESNIER

rio José Marques Loureiro, redactor Duarte de Oliyeira Junior, vol. xiii, n.º 3, de março corrente. — É uma das boas publicações do nosso paiz e que se recommenda tanto pela sua distincta colaboração como pela utilidade do assumpto. A execução typographica é perfeita.

VIAGEM Á RODA
DA
PARVONIA
PELO COMMENDADOR
GIL VAZ

Anotado pelos principaes escriptores.
Illustrações de Manuel de Macedo
A obra de mais fina critica dos tempos modernos.

Á VENDA

NA
EMPRESA DO OCCIDENTE
PREÇO 500 REIS
Envia-se para as provincias franco do porto.

ALMANACH ILLUSTRADO DO OCCIDENTE
PARA 1882

EDIÇÃO PARA PORTUGAL E EDIÇÃO PARA O BRAZIL

PUBLICADO PELA EMPRESA DO OCCIDENTE

Illustrado com mais de 50 gravuras portuguezas e uma linda capa em chromo-lithographia
É o almanach mais elegante que se tem publicado em Portugal, e é uma completa novidade.

PREÇO EM LISBOA. 240 REIS

Á venda em todas as livrarias e em casa dos srs. correspondentes d'esta empresa.

Para as provincias envia-se pelo correio a quem remetter 265 réis em estampilhas á **Empresa do Occidente**, rua do Loreto, 43 — Lisboa.

CAPAS CARTONADAS
PARA ENCADERNAÇÃO DO

OCCIDENTE

A Empresa do OCCIDENTE tem á venda capas especiaes para encadernação em separado de cada um dos volumes do OCCIDENTE, 1.º, 2.º, 3.º e 4.º

PREÇO DE CADA CAPA 800 RÉIS

Para fóra de Lisboa enviam-se francas de porte a quem remetter a sua importancia em estampilhas ou vales do correio.

Recebem-se volumes para encadernar n'estas capas por 1\$200 réis.